

O CONCEITO DE “SAÚDE” E A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO: UMA ANTROPOLOGIA DA ANTROPOLOGIA DA SAÚDE NO BRASIL ENTRE 2004 E 2014

Arthur Dias Costa¹

Resumo: Este trabalho é um fruto parcial de pesquisas realizadas nos últimos dois anos e ainda em andamento que visa inventariar toda a produção científica antropológica brasileira de duas subáreas da disciplina. Tal feito se ancora na hipótese de uma convergência dos debates encontrados na produção da Antropologia da Saúde e da Antropologia da Política, tomando que tais subáreas são autônomas e consolidadas dentro do cenário nacional. Desta forma dois objetivos são aqui propostos: primeiramente traçar algumas considerações sobre a produção acadêmica da Antropologia da Saúde no Brasil a partir de uma “etnografia” dessa própria produção. Em um segundo momento deseja-se ponderar acerca da trajetória da Antropologia da Saúde dentro do cenário acadêmico nacional, a delimitação da subárea visto sua interface extremamente fértil com as Ciências da Saúde, a qual necessitou de um primeiro arranjo teórico-conceitual da subárea, o qual avança para além dos pressupostos epistemológicos da Biomedicina, diferenciando a Antropologia Médica da Antropologia da Saúde.

Palavras-chave: Antropologia da Saúde, Saúde, Políticas de Saúde, Corpo.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é um fruto parcial de pesquisas² realizadas nos últimos dois anos e ainda em andamento que visa inventariar toda a produção científica antropológica brasileira de duas subáreas da disciplina. Tal feito se ancora na hipótese de uma convergência dos debates encontrados na produção da Antropologia da Saúde e da Antropologia da Política, tomando que tais subáreas são autônomas e consolidadas dentro do cenário nacional. A pesquisa tem por objetivo fazer uma revisão bibliográfica de toda a produção das duas subáreas da Antropologia Brasileira no decênio que vai de 2004 a 2014, incluindo livros, teses, dissertações, artigos e anais de congressos das Ciências Sociais e da Saúde Coletiva. Neste artigo trataremos resultados apenas relacionados ao campo da Antropologia da Saúde.

¹ Graduando em Ciências Sociais na Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail para contato: arthur.dias.costa@gmail.com

² As pesquisas citadas são “Políticas do/no corpo: cultura e cidadania” já finalizada e “Políticas do/no Corpo: Cultura, Cidadania e Produção de Conhecimento” ainda em andamento, financiadas pela Universidade federal de Juiz de Fora e Fapemig.

Esta subárea possui uma longa trajetória no campo brasileiro. O tema “saúde” fez parte de muitos trabalhos das primeiras levas de etnografias produzidas no país. Foi a partir da década de 1970 até a redemocratização que houve uma estruturação da subárea, com a criação de programas de pós-graduação em antropologia e a saúde sendo tema de algumas pesquisas em diálogo com a teoria clássica, com forte presença do Museu Nacional e a Universidade de Brasília (LANGDON et al, 2012).

É importante salientar que o paradigma francês foi deveras mais influente que as abordagens norte-americanas e britânicas, as quais tomavam e ainda tomam em certa medida o paradigma da antropologia médica, tendo Arthur Kleinman como maior expoente, frente à abordagem francesa amplamente ancorada na antropologia francesa clássica; apesar de que os trabalhos da segunda geração de antropólogos britânicos (Turner e Douglas) também fizeram parte das pesquisas desenvolvidas (LANGDON et al, 2012). Esse caminho teórico levou a uma perspectiva da saúde que fosse independente e autônoma aos paradigmas da biomedicina, fato que não ocorre na Antropologia Médica, onde a antropologia aparece subordinada ao saber médico e seus interesses (SARTI, 2010).

Essa diferenciação foi basilar para a o desenvolvimento do conceito de saúde, influenciando não apenas a forma de abordagem, mas também os campos e usos da pesquisa antropológica no Brasil. A subárea ganha corpo na década de 1990, tendo uma produção substancial e criando suas redes de pesquisadores, além de consolidar categorias analíticas tais como as práticas corporais, representações sociais e rituais (CANESQUI, 2003).

Por isso, a pesquisa tem buscado mapear a produção, suas instituições de origem, as redes ainda em atividade e a consolidação da subárea na antropologia brasileira, tendo por hipótese uma continuidade da produção mais contemporânea com as pesquisas e abordagens já desenvolvidas.

2. A PESQUISA

A pesquisa em seu primeiro momento visou a elaboração de um banco de dados composto de todas as teses, dissertações, artigos, capítulos de coletâneas ou livros na íntegra, publicados dentro do decênio que inicia-se em 2004 e finaliza-se em 2014, ano anterior ao início da pesquisa, além de todos os trabalhos localizados nos anais de congressos de maior projeção nacional para antropólogos (Reunião Brasileira de Antropologia, Encontro Anual da Anpocs, Congreso Asociación Latinoamericana de CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 24 (2017) Dez., pp. 1-309.

Antropologia e Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em Saúde) e também da Associação Portuguesa de Antropologia, dentro do mesmo período. A busca foi feita a partir das palavras-chave “antropologia da saúde”, “antropologia do corpo”, “saúde” e “corpo”, na plataforma de bancos e teses da Capes, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Banco de Dados de todas as Pós-Graduações em Antropologia e as principais em Ciências Sociais do Brasil, no Scielo, em todos os periódicos de Antropologia e os principais de Ciências Sociais nacionais, Biblioteca Virtual de Saúde, o Google Acadêmico, catálogos e sites de editoras com produção em Ciências Sociais e Anais dos Congressos citados acima. Entretanto para o presente trabalho, não foram utilizados os dados dos Anais de Congresso, visto serem em uma quantidade muitíssimo grande e reservados para etapas futuras da pesquisa.

Assim, os dados aqui consistem em anotações de como foi realizada a pesquisa e os caminhos que foram trilhados para a aglomeração de todos os 204 trabalhos encontrados, sendo 28 teses, 68 dissertações, 76 artigos e 32 capítulos de coletâneas ou livros completos. Além disso, foi feita uma leitura de todos os resumos desses trabalhos e com isso elaborada uma separação de trabalhos por categorias com uma leitura sistemática dos trabalhos completos tidos como mais importantes.

A partir então do banco de dados obtido, este trabalho tem por objetivo entender atual conjuntura da subárea, sua inserção nos programas nacionais de pós-graduação em antropologia, seu diálogo contínuo com a Saúde Coletiva, e a delimitação teórica e conceitual daquilo que seria saúde e mais ainda uma “antropologia da saúde”.

3. AVANÇOS E ATUAIS LIMITES

Algumas constatações nos permitem delinear uma conjuntura atual para a antropologia da saúde. A primeira delas é a continuação e o fortalecimento dos núcleos pioneiros da subárea, o que pode ser verificado nos números das produções acadêmicas ligadas aos programas de pós-graduação. Como visto na tabela 1, das 68 dissertações produzidas no decênio de 2004 a 2014, 14 foram defendidas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 7 na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) e 7 na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sendo que estas três instituições foram pioneiras nas pesquisas em Antropologia da Saúde, antes mesmo de terem doutorados em antropologia. Outras instituições também pioneiras não tiveram o mesmo crescimento na produção, mas permaneceram como grupos de pesquisa ativos na subárea, como a Universidade de Brasília (UnB), a Universidade Estadual de
CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 24 (2017) Dez., pp. 1-309.

Campinas (UNICAMP) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), tendo 3 dissertações cada. Mas não apenas houve consolidação da subárea nos grupos já existentes, antes pode-se dizer que houve um desenvolvimento, visto instituições que não possuem uma “tradição” em pesquisas da saúde terem uma produção muito significativa dentro do montante de publicações, como a Universidade Federal do Paraná³ (UFPR) com 3 trabalhos, a Universidade de São Paulo (USP) com 4 dissertações e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) com 6 dissertações. Dessas, esta última possui como uma das quatro linhas de pesquisa existente no programa, uma voltada para Antropologia do Corpo e da Saúde. Além disso, dez programas foram verificados com apenas uma dissertação na subárea, o que mostra possíveis campos de maior crescimento.

Tabela 1 – Distribuição da produção bibliográfica em Antropologia da Saúde pelos programas de pós-graduação no decênio 2004-2014.

| Instituições | Dissertações | Teses |
|--------------|--------------|-------|
| UFRGS | 14 | 12 |
| UFPR | 3 | 0 |
| UnB | 3 | 3 |
| USP | 4 | 2 |
| UFSCAR | 7 | 3 |
| UNIFESP | 2 | 0 |
| UFRN | 6 | 0 |
| UFBA | 0 | 1 |
| UFPA | 1 | 0 |
| UFAM | 1 | 0 |
| UFPE | 7 | 1 |
| UFMG | 1 | 0 |
| UERJ | 2 | 0 |
| UNESP | 2 | 0 |
| FIOCRUZ | 0 | 1 |
| UEL | 1 | 0 |
| UNIFOR | 1 | 0 |

³ O fator primordial para tal classificação de tais programas foi a inexistência de grupos de pesquisa sobre a área ou mesmo programas recentes, criados após os anos 2000.

| | | |
|---------|----|----|
| UFAL | 1 | 0 |
| UFPI | 1 | 0 |
| UFF | 1 | 0 |
| UNICAMP | 3 | 3 |
| UFSC | 3 | 2 |
| UFG | 2 | 0 |
| UFU | 1 | 0 |
| UFS | 1 | 0 |
| TOTAL | 68 | 28 |

No que tange as teses, a configuração praticamente se repete, mas com maior prevalência da UFRGS. Dos 28 trabalhos, 12 foram desenvolvidos e publicados nessa instituição, ou seja, 45% das teses da subárea. Com 3 publicações cada, UNICAMP, UFSCAR e UnB somam um terço dos trabalhos. UFPE se mantém no grupo de programas colaboradores com uma publicação, assim como USP e UFSC com duas publicações cada. A ausência de algumas instituições muito significativas nas publicações de mestrado, se deve por alguns programas de doutorado serem muito recentes, como o da UFPR e da UFRN, criados em 2013 e 2014 respectivamente.

Fato muito interessante é que tendo uma publicação cada no montante de teses, a Fundação Oswaldo Cruz, a Faculdade de Saúde Pública da USP, a Escola de Enfermagem da USP e o Instituto de Saúde Coletiva da UFBA não são programas de pós-graduação em antropologia. Isso indica que os debates da Antropologia da Saúde se fazem em grande medida dentro dos domínios estruturais da antropologia. Tal conclusão é ainda reforçada pela forma como a presente pesquisa foi executada: para a busca e seleção dos trabalhos, foram utilizadas as palavras chave antropologia da saúde, antropologia do corpo, saúde e corpo, sendo que trabalhos que possuíam em seus resumos uma abordagem claramente epidemiológica não foram selecionados. A hipótese, verificada verdadeira com a análise dos trabalhos obtidos, é que o uso do termo antropologia da saúde dentro dos âmbitos acadêmicos da antropologia brasileira, se distancia das pesquisas que possuem como paradigma teórico a antropologia médica norte-americana, preocupada com a relação entre antropologia, epidemiologia e medicina social. Tal resultado confirma as análises já feitas (SARTI, 2010; LANGDON et al, 2012), mas também reitera uma melhor delimitação conceitual do termo “saúde”. Os aspectos mais importantes dessa perspectiva serão abordados mais a frente.

Antes, é interessante ressaltar que essa delimitação conceitual não é encontrada nos livros e artigos presentes no banco de dados produzido. Assim, a ausência de trabalhos de programas e instituições voltadas à área da saúde, não se repete nesses outros tipos de publicações; sendo que neles há uma maior confusão no uso do termo antropologia da saúde, por uma delimitação conceitual menos precisa do termo “saúde”. Dos 76 artigos encontrados na pesquisa, apenas 31 se encontram em revistas de antropologia, sendo os demais 52, publicações de periódicos de Saúde Coletiva, incluindo neles alguns pesquisadores da antropologia da saúde encontrados nas teses e dissertações (GIL, 2007; NOVO, 2011; TEIXEIRA & DIAS da SILVA, 2013; KNAUTH & LEAL, 2014; LANGDON, 2014), seja como autores ou orientadores. Também foram encontrados diversos trabalhos produzidos por antropólogos em instituições da área de saúde, como o caso de Luiza Garnelo da Fundação Oswaldo Cruz (GARNELO, 2011) e Marina Pereira Novo do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome (NOVO, 2011). Entretanto a maioria dos autores dos artigos não são antropólogos, mas enfermeiros, médicos, psicólogos e outros profissionais da área de saúde que de alguma forma realizam um diálogo entre saúde e antropologia. Todavia esse diálogo em grande medida é uma incorporação da antropologia como uma espécie de “ferramenta” ou mesmo “método” (principalmente o método etnográfico) para auxiliar a compreensão de determinados problemas nas pesquisas em saúde (COSTA & GUALDA, 2008; GOMES et al, 2008; CECCHETTO et al, 2010; MELLO & OLIVEIRA, 2013; ROSA et al, 2014; PICELLI & DÍAZ-BERMÚDEZ, 2014;). Existe de forma bem delineada uma proposta de interdisciplinaridade em que as ciências sociais auxiliem na compreensão de processos saúde e doença, pela sua capacidade de verificar o caráter sociocultural das doenças. Nesse sentido fica nítida a diferença entre a Antropologia da Saúde desenvolvida dentro das escolas de antropologia nacionais e a Antropologia da Saúde que remete aos debates da Saúde Coletiva: esta última visa o questionamento das práticas médicas, ações sanitárias e epidemiológicas como incapazes de tratarem dos dilemas do “processo saúde-doença” em toda sua complexidade, todavia com um fim de aprimorá-las e adaptá-las as diferentes realidades socioculturais; enquanto aquela se afasta categoricamente dos pressupostos epistemológicos das práticas biomédicas, visando acolhê-las em caráter de igualdade junto de outras cosmologias, assim como também reconhecer suas relações de dominação e legitimação de práticas de poder na sociedade brasileira e mundial. Evidencia-se então, uma certa “confusão” conceitual sobre a antropologia da saúde,

sendo mais adequado uma antropologia “aplicada” a saúde, tal como a Antropologia Médica.

Tabela 2 – Artigos divididos por periódicos

| Periódico | n° de artigos encontrados |
|--|---------------------------|
| Trabalho, Educação e Saúde (FIOCRUZ) | 1 |
| Revista da Escola de Enfermagem da USP | 2 |
| Revista de Antropologia (USP) | 2 |
| Saúde e Sociedade (USP) | 18 |
| Revista Brasileira de Ciências Sociais (ANPOCS) | 2 |
| Periódico | n° de artigos encontrados |
| Mana (Museu Nacional/UFRJ) | 3 |
| Revista de Saúde Pública da USP | 2 |
| Physis: Revista de Saúde Coletiva (UERJ) | 2 |
| Horizontes Antropológicos (UFRGS) | 3 |
| História, Ciência e Saúde (Manguinhos/FIOCRUZ) | 3 |
| Ciência et Saúde Coletiva (FIOCRUZ) | 2 |
| Revista Latino Americana de Enfermagem (USP) | 1 |
| Archives of Clinical Psychiatry (USP) | 1 |
| Revista do NUFEN (UFPA) | 1 |
| Revista Mal-Estar e Subjetividade (UNIFOR) | 1 |
| Psicologia Hospitalar (USP) | 1 |
| Revista Mineira de Enfermagem (UFMG) | 1 |
| Revista Bioética (UnB) | 1 |
| Cadernos de Saúde Pública (FIOCRUZ) | 3 |
| Texto e Contexto – Enfermagem (UFSC) | 2 |
| Revista Gaúcha de Enfermagem (UFRGS) | 1 |
| Interface – Comunicação, Saúde e Educação (UNESP) | 3 |
| Ciência & Saúde Coletiva (ABRASCO) | 1 |
| Cadernos de Saúde Pública do Ceará | 1 |
| Caderno CRH (UFBA) | 1 |
| Amazônica Revista de Antropologia Online (UFPA) | 1 |
| Ilha Revista Antropológica (UFSC) | 2 |
| Vivência Revista de Antropologia (UFRN) | 1 |
| Anuário Antropológico (UnB) | 10 |

| | |
|--|----|
| Tempus - Actas de Saúde Coletiva (UnB) | 1 |
| Etnográfica [Online] | 1 |
| Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology | 1 |
| Total | 76 |

Entretanto a presença de antropólogos em revistas da área de saúde talvez indique uma tentativa de ampliação dos pressupostos epistemológicos do debate sobre saúde no Brasil. Todavia essa tentativa é unilateral, visto que nos periódicos de antropologia, a presença de profissionais e pesquisadores da saúde é nula. Há aqui uma forte disputa de campos e objetos de pesquisa. Isso fica claro nos livros inventariados na pesquisa. Dos 28 livros arrolados ao banco de dados, apenas um deles possui a palavra-chave “antropologia da saúde” no resumo; enquanto que “antropologia médica” aparece em dois trabalhos, sendo uma vez no título da obra e outra também no resumo. Contudo, apesar da baixa referência as duas correntes de forma direta, os termos “antropologia” e “saúde” aparecem no mesmo texto; seja título, palavras-chave ou resumo; em praticamente todas as publicações. Além disso, 8 dos 28 livros, foram publicados pela editora Fiocruz, aproximadamente um terço das publicações. A editora também possui uma coleção nomeada “Antropologia e Saúde”, sendo que muitos dos autores das publicações selecionadas da editora são Antropólogos. Todavia são quase inexistentes publicações de dissertações ou teses em forma de livros, sendo a única exceção o livro de Marina Pereira Novo, *Os Agentes Indígenas do Alto Xingu*, livro que era originalmente sua dissertação de mestrado (NOVO, 2010) publicado pela editora Paralelo 15 em parceria com a Associação Brasileira de Antropologia (ABA). O mesmo se insere em “Saúde Pública” e “Etnologia” como assuntos.

Tais evidências nos levam a duas conclusões não necessariamente excludentes: 1) que existe um desinteresse editorial pela Antropologia da Saúde; 2) e que apesar da Antropologia da Saúde possuir uma autonomia dentro da Antropologia Brasileira, como uma subárea com longa trajetória e amplo debate; precisa se atrelar a outros debates também candentes na produção antropológica nacional. A primeira conclusão ainda precisa de maior investigação, principalmente a desvelar de qual parte esse desinteresse se impõe: se dos próprios pesquisadores ou das editoras, ou mesmo de ambos. A partir da pesquisa algumas ponderações podem ser feitas. Houve no decorrer do processo de pesquisa nos bancos de dados em geral, grande dificuldade de acesso aos trabalhos. Os mecanismos de busca de várias bibliotecas virtuais de diversas instituições eram muito

pouco intuitivos, com sistemas de busca ora muito refinados, ora muito pouco seletivos. Isso influenciou de forma bastante acentuada o montante de trabalhos selecionados. Esse desinteresse na própria organização dos trabalhos dos programas revela um possível desinteresse por parte dos pesquisadores na publicação de livros da área. Entretanto esse argumento tem seus limites: o NUPACS da UFRGS responsável por um pouco mais de um quarto das teses e dissertações, não possui nenhum livro publicado e apenas duas publicações de artigos em periódicos.

Quanto à segunda conclusão fica claro que quando abdica do paradigma biomédico e se afasta da Antropologia Médica, a Antropologia da Saúde se alia a outros debates, perdendo seu “protagonismo” à medida que alcança cenários de maior projeção do debate nacional, notadamente tendo como cume principal, as publicações em livros. Isso se difere claramente de outras subáreas, como por exemplo, a Antropologia da Política, a qual possui um número de publicações de livros muito maior no mesmo período (25 publicações). Tal alinhamento aqui foi colocado em três vertentes: 1) saúde indígena; 2) políticas de saúde e grupos sociais; 3) práticas de saúde e outras cosmologias.

4. TRÊS DIMENSÕES DA SAÚDE

Em vista de tal cenário dentro do quadro nacional, tomando as diferenciações e usos da saúde como campo de pesquisa e produção científica, torna-se imprescindível uma reflexão sobre como o conceito de “saúde” têm sido trabalhado dentro da antropologia brasileira.

Tal reflexão se amparou na análise dos resumos de todos os trabalhos selecionados. Buscando vias de clivagens, a leitura dos resumos foi feita principalmente atenta a “*performance*” impressa no texto, tomando que os resumos são a principal via de apresentação do trabalho, tendo como finalidade a apresentação da abordagem teórica do mesmo e a sua importância enquanto ciência. Dessa forma, os trabalhos seguiram três linhas de abordagens, perscrutando os debates que estariam sendo englobados junto do conceito de “saúde”.

O primeiro deles são os trabalhos que adentram o debate originário da etnologia brasileira, sobre a questão indígena no país, principalmente tratando sobre as relações entre o Estado brasileiro, as políticas públicas e as várias etnias indígenas do país. Estes possuem uma variação pautada ou pela sua maior proximidade com uma perspectiva mais “política”, ou uma abordagem mais “culturalista”. Trabalhos que se orientam mais

na linha “política” tratam principalmente de analisar e entender os processos que ocorrem na operação do Subsistema de Saúde Indígena do Sistema Único de Saúde. Aqui existe uma preocupação em compreender como as políticas de saúde têm sido despendidas aos povos indígenas brasileiros, principalmente por tais políticas terem a marca distintiva da “diversidade”. Por conta dos princípios norteadores do Sistema Único de Saúde (universalidade, integralidade e equidade), a questão indígena se tornou terreno fértil para se entender os mecanismos burocráticos e como são construídas e executadas as políticas indigenistas no Brasil. Nessa linha se encontram os trabalhos de Langdon & Garnelo (2004); Langdon (2014); Teixeira (2008, 2013); Dias da Silva (2006, 2010); Garnelo (2011); Novo (2008, 2009, 2011). No outro pólo estão os trabalhos mais etnológicos, que buscam compreender as cosmologias ameríndias e como elas entendem os processos de saúde/doença. Alguns possuem ainda análises de políticas indigenistas, mas tendo como foco o aspecto cultural e com isso as descontinuidades entre os serviços de atenção à saúde oferecidos aos povos indígenas, os quais têm por base o saber biomédico, e os aspectos culturais das diferentes etnias assistidas. E aqueles que se utilizam das categorias ciências médicas, (como saúde, corpo, cura, doença, dor, sofrimento etc.) para um enriquecimento do debate etnológico ameríndio. Trabalhos como de Biserra (2006); Eltz (2011); Gil (2007); Garnelo (2011); Picoli (2008).

Os dois próximos alinhamentos são bem próximos da perspectiva da saúde indigenista, entretanto visto a importância do debate indígena na antropologia brasileira, traduzida em uma grande parcela dos trabalhos analisados, optou-se por torná-la uma via própria, respeitando sua particularidade teórica.

A segunda das clivagens verificou uma abordagem da saúde mais preocupada em analisar os desdobramentos culturais de políticas públicas ou mesmo subsidiar ações de Estado com etnografias que privilegiam grupos sociais específicos e que reivindicam certas particularidades diante da universalidade estatal. Nesse leque de trabalhos estão àqueles relativos a determinados grupos sociais, geralmente minorias como mulheres (CHAZAN, 2007; FARIA, 2008; VARGAS, 2010; CARNEIRO, 2014; TUSSI, 2010); LGBTQI+ (PELÚCIO, 2007; MACHADO, 2005); população negra (ROSA et al, 2014; ARAÚJO, 2004; BÖSCHMEIER, 2010; SILVA, 2012); ou grupos abordados como vulneráveis, como moradores em situação de rua (FRANGELLA, 2004; MARTINEZ, 2011); soro positivos (LIMA, 2006; LEAL, 2008) entre outros. Aqui o termo “saúde” é subtendido junto ao conceito de “cidadania”, sendo atrelada a ideia básica de direito

social. Nesse sentido tais estudos são uma espécie de avaliadores da capacidade do Estado brasileiro em respeitar os direitos assegurados na Constituição Federal de 1988 e reafirmados pelo SUS.

Por fim, a última clivagem possui uma abordagem que visa uma perspectiva mais culturalista da saúde, entendendo como parte de disposições, práticas e normas sociais, tendo um paradigma teórico bem próximo da escola francesa clássica, tendo Marcel Mauss como principal referência quanto aos aspectos do corpo e Durkheim com seu conceito de representações sociais, assim como a segunda geração britânica, com Mary Douglas e Victor Turner. Tais trabalhos visam compreender cosmologias diversas, incluindo a biomédica assim como medicinas alternativas ou tradicionais, no meio urbano, rural e indígena, buscando explorar estranhamentos dentro das próprias sociedades modernas quanto a diferentes concepções da saúde e seus processos. Dessa forma têm-se trabalhos sobre representações sociais (RUSSO et al, 2005; BARSAGLINI, 2011; REDON, 2011; CAMPOS, 2005; MARINI, 2012; ALCÂNTARA, 2009; NOGUEIRA, 2010); práticas biomédicas (GARNELO & LANGDON, 2005; FLEISCHER, 2013; PEDRON, 2013; FERREIRA & FLEISCHER, 2014); medicinas alternativas ou saberes tradicionais (MELLO, 2014; GONDIM, 2007; FLEISCHER & SAUTCHUK, 2012; FLEISCHER, 2009), além de etnografias sobre experiências ligadas aos processos de adoecer e cura (ALMEIDA, 2009; SILVA, 2012; DIAS, 2013; MARINI, 2012; GEDIEL, 2010). Tais abordagens possuem então um grande debate com a biomedicina e sua posição privilegiada, mas longe de ser absoluta muito menos preponderante.

5. CONCLUSÕES

O presente trabalho buscou compreender os caminhos tomados pela Antropologia da Saúde nos últimos anos, a partir da produção bibliográfica referente ao decênio que vai de 2004 a 2014. Analisando algumas características dessa produção pode-se traçar um panorama da produção da subárea, sua delimitação teórica, seu desenho espacial no âmbito acadêmico brasileiro de instituições ligadas a antropologia brasileira, além dos usos do conceito “saúde”.

Foi verificado um fortalecimento da subárea dentro da produção antropológica nacional, com grupos de pesquisa tradicionais em trabalhos na área e outros mais recentes. Entretanto, apesar desse fortalecimento na produção de etnografias (dissertações e teses), não há uma reprodução desse fortalecimento na publicação de

livros e artigos, além de nesses espaços de divulgação do conhecimento o debate entre a Antropologia da Saúde e a Antropologia Médica se acirrar, mais ao mesmo tempo com uma menor diferenciação dos conceitos.

Também foi possível entender melhor os usos do conceito saúde, sendo que este se alinha a outros debates também candentes na antropologia nacional, tomando diferentes vias. Com isso três vias foram percebidas, sendo tomadas como clivagens, separando os trabalhos em perspectivas não necessariamente excludentes, mas diversas no aspecto teórico e focal. A primeira delas toma a saúde como parte do debate indigenista no Brasil, tanto na relação aos aspectos mais etnológicos, quanto nos aspectos mais políticos da discussão. O segundo deles parte da discussão de políticas públicas da saúde e sua relação com determinados grupos sociais. Nesses trabalhos a saúde se alinha com os estudos de cidadania e diversidade. Por último estão as análises que focam as diversas cosmologias e suas formas de compreender as diferentes experiências dos processos saúde/doença. Tais estudos se utilizam da saúde como conceito comparativo e fértil para enriquecer o debate sobre o impacto das relações sociais e culturais nas práticas médicas e curativas, assim como ampliar o debate sobre as relações de poder presentes na sociedade brasileira.

Em todos esses caminhos, o conceito de saúde compreende uma dinâmica de saber-poder (1988), onde os diferentes conhecimentos estão em constante disputa, incluindo o conhecimento antropológico, que se insere nessa disputa como agente desnaturalizador de mecanismos que remetem ao conceito de biopoder de Foucault (2005). E talvez esse seja o grande mote dos estudos em saúde da antropologia: entender a complexidade das relações de poder frente a aspectos ditos como não-políticos ou pretensamente neutros. Cabe então adentrar mais a fundo nos trabalhos obtidos na pesquisa e acompanhar o futuro dessa subárea que com certeza se torna cada vez mais importante no debate brasileiro e mesmo mundial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, C. V. R. **Manda quem pode, obedece quem (não) tem juízo - corpo, adoecimento mental e intersubjetividade na polícia militar goiana**. 2012. 131 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

ALCÂNTARA, Jaína Linhares. ***Sociabilidades e hedonismos: etnografia entre jovens usuários de substâncias psicoativas sintéticas.*** Fortaleza Ceará. 2009. 174 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

ARAÚJO, Reginaldo Silva de. ***Organização e politização do movimento de saúde dos portadores falcêmicos na grande São Paulo - Brasil.*** 2004. 1 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

BARSAGLINI R. A. ***As representações sociais e a experiência com o diabetes: um enfoque socioantropológico.*** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2011. 248p. (Coleção Antropologia & Saúde).

BISERRA, Rosângela de Souza. ***Ainda estamos vivos: uma etnografia da saúde Sanumá.*** 2006. 369 f. Tese (Doutorado em Antropologia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

BOSCHEMEIER, Ana Gretel Echazú. ***Natureza de mulher, nome de mãe, marca de negra: identidades em trânsito e políticas do corpo na comunidade quilombola de Boa Vista dos Negros.*** 2010. 283 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

CANESQUI, Ana Maria. ***Os estudos de antropologia da saúde/doença no Brasil na década de 1990.*** *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 109-124, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232003000100009

COSTA, Gabriela Maria C; GUALDA, Dulce Maria Rosa. ***Conhecimento e significado cultural da menopausa para um grupo de mulheres.*** *Rev. esc. enferm. USP*, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 81-89, Mar. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342008000100011

CECCHETTO, Fátima; MONTEIRO, Simone; FERNANDES, Erica. ***Formação de agentes comunitários em ambiente e saúde na Colônia Juliano Moreira: uma***

abordagem etnográfica. *Trab. educ. saúde*, Rio de Janeiro , v. 8, n. 2, p. 267-283, Oct. 2010 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-77462010000200006&script=sci_abstract&tlng=pt

CAMPOS, Edemilson Antunes de. **Alcoolismo, doença e pessoa**: uma etnografia da associação de ex-bebedores Alcoólicos Anônimos.. 2005. 219 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.

CARNEIRO R. **Em nome de um campo de pesquisa**: antropologia(s) do parto no Brasil contemporâneo. *Vivência: Rev Antropologia*. 2014; 1(44):11-22. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/7020>

CHAZAN L. **"Meio quilo de gente": um estudo an-tropológico sobre ultra-som obstétrico**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 230 pp. (Coleção Antropologia e Saúde).

ELTZ, D. D. (2011). **Corporalidades kanhgág: as relações de pessoa e corpo no tempo e espaço kanhgág** (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

FARIA, M. A. **Escolha ou destino feminino: repensando concepções de corpo e reprodução entre mulheres usuárias de uma unidade de saúde em Curitiba**. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

FERREIRA Joana; FLEISCHER Soraya. **Etnografias em serviços de saúde**. Rio de Janeiro: Garamond; 2014

FLEISCHER, Soraya. **O "grupo da pressão"**: notas sobre as lógicas do “controle” de doenças crônicas na guariroba, ceilândia/df. *Amazonica - Revista de Antropologia*, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 452-477, fev. 2014. ISSN 1984-6215. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/1502>

FLEISCHLER, Soraya; SAUTCHUK, Emanuel. **Anatomias Populares: A Antropologia Medica de Martin Alberto Ibáñez-Novión**. Brasília: Editora da UNB, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 16 ed. Tradução Maria T. C. Alburquerque e J. A. Guilhon Alburquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 30 ed. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2005.

FRANGELLA, Simone Miziara. **Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de uma rua em São Paulo**. 2004. 361p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

GARNELO, Luiza. **Aspectos socioculturais de vacinação em área indígena**. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 175-190, Mar. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702011000100011

GARNELO, Luiza; LANGDON, Jean. A antropologia e a reformulação das práticas sanitárias na atenção básica à saúde. In: Minayo, Maria Cecília; Coimbra Jr., Carlos (Org.). **Críticas e atuantes: ciências sociais e humanas em saúde na América Latina**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz. p.139-150. 2005.

GEDIEL, Ana Luisa. (2010). **Falar com as Mãos e Ouvir com os Olhos? A corporificação dos Sinais e os significados dos corpos para os Surdos de Porto Alegre**. (Tese de Doutorado em Antropologia Social). Porto Alegre: UFRGS.

GIL, Laura Pérez. **Políticas de Saúde, Pluralidade Terapêutica e Identidade na Amazônia**. *Saude soc.*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 48-60, ago. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902007000200006

GOMES, Annatália Meneses de Amorim; NATIONS, Marilyn K.; LUZ, Madel Therezinha. **Pisada como pano de chão: experiência de violência hospitalar no CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora**, n. 24 (2017) Dez., pp. 1-309.

Nordeste Brasileiro. *Saude soc.*, São Paulo , v. 17, n. 1, p. 61-72, Mar. 2008 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902008000100006&script=sci_abstract&tlng=pt

GONDIM, Ana Paula Soares. **Comportamentos e ações populares no enfrentamento de doenças respiratórias infantis em um assentamento urbano**. 2007. 238 f. Tese (Doutorado) - Curso de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

KNAUTH, Daniela Riva; LEAL, Andréa Fachel. **A expansão das Ciências Sociais na Saúde Coletiva: usos e abusos da pesquisa qualitativa**. *Interface* (Botucatu), Botucatu , v. 18, n. 50, p. 457-467, Sept. 2014 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832014000300457

LANGDON, Esther Jean; FOLLÉR, Maj-Lis ; MALUF, Sônia Weidner . **Um balanço da antropologia da saúde no Brasil e seus diálogos com as antropologias mundiais**. *Anuário Antropológico* [Online], I | 2012. Disponível em: <https://aa.revues.org/254>

LANGDON, Esther Jean. **Os diálogos da antropologia com a saúde: contribuições para as políticas públicas**. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro , v. 19, n. 4, p. 1019-1029. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232014000401019

LANGDON, Jean-Esther. & GARNELO, Luisa. (orgs.) **Saúde dos povos indígenas: reflexões sobre antropologia participativa**, p. 195-215, RJ: Ed. Contracapa.

LEAL Andrea Fachel. **No peito e na raça - a construção da vulnerabilidade de caminhoneiros: um estudo antropológico de políticas públicas para HIV/AIDS no sul do Brasil**. [Tese de Doutorado] Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2008.

LIMA D. A. **A mulher com idade igual ou superior a 50 anos e a epidemia de aids: percepção e ações de moradoras de uma comunidade de baixa renda** [Dissertação]. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem; 2006.

MACHADO, Paula Sandrine. "**Quimeras**" da ciência: a perspectiva de profissionais da saúde em casos de intersexo. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 20, n. 59, p. 67-80, Oct. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-69092005000300005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt

MARINI, Marisol. **Diário de peso: saberes e experiências sobre os transtornos alimentares**. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MARTINEZ, Mariana Medina. **Walking and stopping to trechos: an ethnography of São Carlos street paths**. 2011. 168 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

MELLO, Márcio Luiz; OLIVEIRA, Simone Santos. **Saúde, religião e cultura: um diálogo a partir das práticas afro-brasileiras**. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 22, n. 4, p. 1024-1035, dec. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902013000400006&script=sci_abstract&tlng=pt

NOGUEIRA, Dassuem Reis. **Um estudo antropológico sobre adoecer de malária na Comunidade do Livramento, Amazonas**. 2010. 128 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

NOVO, Marina Pereira. **Saúde e interculturalidade: a participação dos Agentes Indígenas de Saúde/AIS do Alto Xingu**. *Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar* 2009; 1:122-47. Disponível em: <http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2015/05/r@uprimeiraedicao-artigo-6.pdf>

NOVO, Marina Pereira. **Os agentes indígenas de saúde do Alto Xingu**. 2008. 161 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

NOVO Marina Pereira. **Os Agentes Indígenas de Saúde do Alto Xingu**. Brasília: Paralelo 15; 2010.

NOVO, Marina Pereira. **Política e intermedialidade no Alto Xingu: do modelo à prática de atenção à saúde indígena.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 27, n. 7, p. 1362-1370, July 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2011000700011&script=sci_abstract&tlng=pt

PEDRON C. D. **O cuidado leigo e profissional na prematuridade tardia: fatores culturais relacionados ao período pós-alta hospitalar** [Tese de Doutorado]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2013.

PELUCIO, Larissa. **Nos Nervos, na Carne, na Pele** - Uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS. Tese de doutorado em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2007.

PICELLI, Isabelle; DIAZ-BERMUDEZ, Ximena Pamela. **Will these drugs be worthwhile? An anthropological study of adherence to antiretroviral therapies among support groups for people living with HIV and AIDS.** *Saude soc.*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 496-509, June 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902014000200496&script=sci_arttext&tlng=en

PICOLI, Renata Palopoli. **Saúde, doença e morte de crianças: um olhar segundo a percepção dos Kaiowá e Guarani.** 2008. Tese (Doutorado em Saúde Materno Infantil) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

REDON, Silvano Aparecido. **‘Pode ter brotado, pode ter vindo andando e se espalhou’:** configurações socioculturais, práticas e representações do câncer. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina, PR, 2011.

ROSA, Patricia Lima Ferreira Santa et al. **Uso de plantas medicinais por mulheres negras:** estudo etnográfico em uma comunidade de baixa renda. *Rev. esc. enferm. USP*, São Paulo, v. 48, n. spe, p. 45-52, Aug. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/reeusp/article/view/103031>

RUSSO Jane et al. **Psicologização no Brasil: atores e autores.** Luiz Fernando Dias Duarte; Jane Russo; Ana Teresa A. Venancio (orgs.) Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005, 224 p.

SANTOS, J.F.L. et al. **Uso popular de plantas medicinais na comunidade rural da Vargem Grande, Município de Natividade da Serra, SP.** *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais*, v.10, n.3, p.67-81, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/93480>

SARTI, Cynthia. **Corpo e Doença no trânsito de saberes.** *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 25, n. 74, p. 77-90, Oct. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092010000300005&script=sci_abstract&tlng=es

SILVA, Ariana Kelly Leandra Silva da. **Doença como experiência: as relações entre vulnerabilidade social e corpo doente enquanto fenômeno biocultural no estado do Pará.** 2012. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2012. Programa de Pós-Graduação em Antropologia.

SILVA, Cristina Dias da. **Viver em primeira pessoa: uma proposta de humanização como técnica corporal.** 2006. 109 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia)- Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

SILVA, Cristina Dias da. **Cotidiano, saúde e política: uma etnografia dos profissionais da saúde indígena.** 2010. 276 f. Tese (Doutorado em Antropologia)- Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

TEIXEIRA, Carla Costa ; DIAS da SILVA, Cristina. **Antropologia e saúde indígena: mapeando marcos de reflexão e interfaces de ação.** *Anuário Antropológico* [Online], I | 2013. Disponível em: <https://aa.revues.org/374?lang=en>

TEIXEIRA, Carla Costa . **Fundação Nacional de Saúde: a política brasileira de saúde indígena vista através de um museu.** *Etnográfica* [Online], vol. 12 (2) | 2008. Disponível em: <https://etnografica.revues.org/1733>

CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 24 (2017) Dez., pp. 1-309.

TEIXEIRA, Carla Costa. A **produção política da repulsa e os manejos da diversidade na saúde indígena brasileira**. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 55, n. 2, July 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/59296>

TUSSI F. P. **Aborto vivido, aborto pensado: aborto punido? As (inter)faces entre as esferas pública e privada em casos de aborto no Brasil** [Dissertação de Mestrado]. Porto Alegre: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2010.

VARGAS, Eliane Portes. **Saúde, razão prática e dimensão simbólica dos usos da internet: notas etnográficas sobre os sentidos da reprodução**. *Saude soc.*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 135-146, mar. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-12902010000100011&lng=pt&nrm=iso